



Figuras de Tempo Seta em Panoramas Televisivos¹

Dra. Suzana KILPP²

Émerson Vasconcelos ALMEIDA³

Marcelo Bergamin CONTER⁴

Laura Lucas ARRUÉ⁵

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O artigo aponta e autentica comparecimentos de figuras de tempo seta na televisão, e problematiza os sentidos que a ele são conferidos nas moldurações por ela praticadas. Confronta tempos cronológicos e tempos cronométricos, ambos indistintamente enunciados pelas emissoras como seta. Conjetura sobre uma aparente enunciação de tempos lineares e uma impensada, mas perceptível na análise, coalescência de tempos. Conjetura sobre as funções do tempo seta na organização da programação de emissoras afiliadas ao sistema NET, e conclui sobre a importância da pesquisa refletir sobre as implicações das enunciações televisuais de tempo-seta para a produção de um pensamento ou imaginário de tempo real.

Palavras-chave

Tempo real; tempo-seta; ethicidades televisivas; imaginários de tempo.

A seta do tempo

A inteligência percebe o tempo quase sempre como uma seta que avança infinitamente do passado em direção ao futuro. Enquanto o passado é o presente que já foi, o presente

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autora e orientadora do trabalho. Professora do PPG Ciências da Comunicação da UNISINOS.
sukilp@unisinis.br

³ Co-autor e bolsista PIBIC/CNPq, na época.
emerson.vasconcelos@gmail.com

⁴ Co-autor e bolsista PIBIC/CNPq, na época. Atualmente é mestrando (UFRGS).
bconter@gmail.com

⁵ Co-autor e bolsista BIC/FAPERGS, na época.
lauraarrue@gmail.com



corresponde a um ponto ínfimo da seta a partir do qual pretendemos imaginar o horizonte dos acontecimentos e nos prepararmos para quando se tornarem presentes - ou até para evitá-los, se for o caso. A seta é, assim, uma representação do tempo que permite discernir eventos que se sucedem e que, a princípio, nunca retornam.

A humanidade criou “medidores de tempo”, como o relógio e o calendário, para poder acompanhar essa presumida sucessão de eventos, tanto os naturais quanto os culturais; dentre estes, muitos comemoram os primeiros e, portanto, justapõem-se a eles cronologicamente. Os dispositivos de medir o tempo (que passa) baseiam-se no princípio da seta, reforçando e legitimando nossa percepção habituada de que o tempo tem uma única direção: a hora que passa nunca retorna *no mesmo dia*; e quando um dia de um mês de um ano se termina, um novo e subsequente inicia-se, e temos a convicção de que aquele que passou jamais voltará.

O aperfeiçoamento do relógio, que se tornou mecânico e mais recentemente digital, deu à humanidade uma reconfortante sensação de controle sobre a *passagem* do tempo e os acontecimentos a ele relacionados. Aquele que, antes, decorria de situações naturais observáveis, como a posição do sol e da lua, passou a ser “domado” por máquinas que podem ser controladas e ajustadas, estabelecendo ordem (humana) no caos do tempo selvagem (natural), ainda que, por isso, as máquinas tenham adquirido uma autonomia em relação aos acontecimentos e o conceito se tenha tornado cada vez mais abstrato. Tais noções encontram-se, por exemplo, em Pelbart analisando o que a seu ver seria uma história do tempo em Deleuze, nos seguintes termos resumidos:

Seria preciso, como nos relatos ordinários, dividir essa fictícia “história do tempo” deleuziana em três períodos redondos. No início era um tempo selvagem. Seguiu-se uma domesticação do tempo. Sobreveio por fim uma liberação do tempo. Esses tempos não constituem momentos sucessivos numa linha única do tempo, mas três linhas temporais embaralhadas, concomitantes em cada uma de suas figuras, a serem “afirmadas” por uma quarta, o espiralamento descentrado do tempo [...]. (PELBART, 2004, p. 148).

Na história da humanidade, um relógio estar em sincronia com os demais se tornou gradativamente mais importante do que assegurar que estivesse em sincronia com a posição solar que um dia determinou a passagem das horas. É isso que diz Piettre:

O aparecimento da idéia de que a medida do tempo poderia ser estabelecida pelo espírito sem se referir a um movimento privilegiado existente na natureza foi contemporânea (nos séculos XV, XVI e XVII) do aperfeiçoamento do relógio, cujo funcionamento mecânico



preciso assegurava a contagem do tempo. Assim, o critério de confiabilidade de um relógio não residia principalmente em sua conformidade aos movimentos do céu, mas na correta regulação mecânica de seus movimentos internos. (PIETTRE, 1997, p. 79-80)

Esse aperfeiçoamento técnico libertou a humanidade da dependência de fatores naturais para organizar-se produtivamente, e deu a ela uma falsa sensação de domínio das forças da natureza, quase como se tivesse adestrado o tempo, ou que tivesse feito com que ele seguisse regras humanas. A reflexão sobre a natureza do tempo foi, assim, aos poucos, sendo relegada a plano secundário, ou, nos termos do mesmo autor, “O tempo se torna quase uma questão técnica de medida, relegando ao esquecimento a questão filosófica de sua essência.” (PIETTRE, 1997, p. 79-80).

No entanto, o homem jamais conseguiu se livrar de uma amarra que criou para si antes mesmo da invenção do relógio mecânico: a figuração do tempo como seta, que se tornou o critério - métrico e metódico - do ajuste cada vez mais fino e perfeito do funcionamento destes aparelhos. Nenhum relógio jamais contrariou a primitiva lógica da seta. Todos representam o tempo como se ele fosse um movimento em uma só direção, que jamais volta para trás, ainda que as máquinas de viajar no tempo estejam cada vez mais presentes em nossa imaginação. Nessas, salvo raras exceções, mesmo assim há sempre uma idéia de seta que comanda imaginariamente a viagem para frente ou para trás.

Tempos televisivos: metodologia de análise

Na perspectiva desta pesquisa⁶ é preciso dizer que o tempo é multiplicidade de múltiplos e *não tem direção*, mas, em compensação, é inapreensível pela inteligência (embora possa ser *experimentado* como nossa duração). Ambos, tempo e duração, são virtuais, e sua única realidade é o movimento que os atualiza no espaço e na matéria, onde se tornam, então, perceptíveis, graças à memória que deles temos. Já o tempo que a humanidade mede é uma representação que ela mesma inventou: é parte de nosso mundo codificado. Como diz Flusser, “um código é um sistema de símbolos. Seu objetivo é possibilitar a comunicação entre os homens [...] Onde quer que se descubram códigos, pode-se deduzir algo sobre a humanidade.” (FLUSSER, 2007, p. 130).

⁶ A pesquisa adota as noções filosóficas de tempo e duração propostas por Henri Bergson, que não cabe introduzir mais longamente neste artigo porque causariam tensões desnecessárias ao seu escopo. Podem ser encontradas, porém, em outros artigos relativos à mesma pesquisa.



No caso da televisão, há coisas curiosas em relação a tais códigos nos termos em que são praticados e dados a ver por ela. Tentaremos mostrar essas práticas e analisá-las confrontando o que Flusser chama de código linear (seta da escrita e da história) e de código de superfície (o da imagem, seja ela tradicional ou técnica), dois elementos igualmente constitutivos da TV, dos quais emerge o *conceito televisivo* de tempo seta. Ao fazê-lo, estamos conjeturando sobre seu sentido na sociedade contemporânea, conforme ela é comunicada pela mídia - que é extensão de nós mesmos como já dizia McLuhan. Em sua tétrade, o autor formula quatro questões que interessam aos apontamentos que estamos fazendo:

¿Qué aspectos de la sociedad realza o amplifica el nuevo medio? ¿Qué aspectos dominantes del medio anterior a la aparición del nuevo eclipsa o vuelve obsoleto? ¿Qué aspectos previamente obsoletos vuelve a rescatar el medio nuevo? ¿Qué invierte o devuelve el medio nuevo cuando ya se ha desarrollado al máximo? (McLUHAN apud HORROCKS, 2004, p. 89-90).

A TV é, como nós mesmos, um corpo que percebe (o tempo, no caso) conforme sua necessidade de agir no presente, porque também ela tem memória⁷. Aquilo que chama de *tempo real* - expressão, aliás, inventada por ela - corresponde de perto à nossa própria percepção do tempo, e é, como a nossa, uma representação. Na televisão podemos autenticar essas representações do tempo de diversas formas, as quais designamos de figuras do tempo. Além disso, como também acontece conosco, a TV *age* em espaços, para os quais convergem diferentes fluxos (situados em molduras visíveis montadas numa mesma tela, quadro ou panorama), no interior dos quais se *desenrolam* diferentes tempos.

Para autenticar tais fluxos (que são construtos televisivos de fluxos), aplica-se a metodologia de dissecação das molduras - uma atualização da *Frame Analysis* de Goffman com vistas às audiovisualidades -, metodologia que viemos desenvolvendo e utilizando em todas nossas pesquisas, com resultados bastante produtivos. Trata-se de intervir digitalmente nos panoramas retirados (mediante gravação de tempos de TV em outro suporte) do fluxo (a macromontagem televisual), em ordem de cartografar e analisar a natureza das diversas molduras que o instituem como panorama. Congelam-se assim as imagens audiovisuais de TV em *frames* e em pequenos *movies* que se podem

⁷ Conforme os conceitos de Bergson.

pausar, o que permite perceber tempos espacializados (ou instantes, ou tempos fictícios, como diz Bergson) nos quais encontramos as *figuras de tempo*.

Figuras de tempo já autenticadas pela pesquisa

Em outro artigo apontamos algumas representações que comparecem no écran dos canais observados por esta pesquisa. Para podermos avançar a análise aqui proposta, cabe rerepresentar sucintamente algumas delas. O que denominamos de *tempo máquina*, por exemplo, é um tempo que encontramos, por definição, em todas as figuras televisivas do tempo, aquele em que, em um *graphic* apostado na telinha, um relógio digital parece ser sua própria moldura, auto-referente e autônomo. Trata-se de um tempo humano, uma construção nossa que é feita a partir de alto nível de abstração. Serve para sincronizar a sociedade (a nossa, e a de mundos televisivos também), como quando sintonizamos em um canal apenas para saber a hora, ou pelo relóginho (mais preciso) ou pelo programa que está no ar (mais vago). Já o *tempo corpo* é o modo mais praticado hoje pela televisão brasileira de molduração do tempo *reality*: num *graphic* composto - que inclui o relógio e a logomarca da concessionária do canal -, e que, às vezes, também pode incluir um termômetro digital que indica a temperatura ambiente na cidade de onde se faz a transmissão.

Além dessas figuras, que serão mais importantes para a compreensão do artigo em pauta, autenticamos ainda um *tempo acontecimento*, um *tempo acontecimento exógeno* e um *tempo acontecimento de corpo exógeno*, que são essenciais para a compreensão de outros relatos da pesquisa. Embora tenhamos autenticado também o *tempo teor conteudístico*, este não terá qualquer utilidade para nossos estudos.

Em todas as figuras referidas podemos encontrar concomitantemente tempo-seta; aliás, vale salientar que elas são não-excludentes. Além disso, a moldura-relógio concentra em si mesma várias figuras de tempo, uma vez que todas elas já são, hoje, no mínimo, tempo-máquina por definição.

Seta do Tempo + Ciclo do Tempo - coexistência necessária das duas figuras

Além da seta, a humanidade se utiliza, em paralelo, da noção de ciclo do tempo. Se os relógios e os calendários seguem a rígida regra da seta, e os eventos jamais retornam ao mesmo ponto daquilo que estamos acostumados a chamar de tempo, por outro lado



alguns aspectos daquilo que chamamos de tempo retornam. É fato que um ano que passou jamais volta; mas se isso evidencia a seta, a convicção de que depois de um ano sempre temos *outro* é uma evidência do ciclo. Deduz-se, portanto, que, embora sejam distintas, as duas figuras se interconectam.

Na televisão, assim como em qualquer lugar onde aparecem, a seta é indissociável do ciclo. Gould explica o motivo desta indissociabilidade:

[...] a seta do tempo e o ciclo do tempo constituem, se preferirmos, uma “grande” dicotomia, porque cada um de seus pólos capta, em sua essência, uma temática tão fundamental na vida intelectual (e prática) que qualquer ocidental que queira compreender a história tem de contender intimamente com ambos - pois a seta do tempo é a inteligibilidade de eventos distintos e irreversíveis, enquanto o ciclo do tempo é a intelegibilidade da ordem atemporal e da estrutura de direito. Temos de ter ambos. (GOULD, 1991, p. 26-27)

Na mesma obra, o geólogo explica seu funcionamento em separado:

Cada uma das metáforas do tempo traz consigo uma tremenda percepção intelectual. O ciclo do tempo busca imanência, isto é, um conjunto de princípios tão gerais que existiriam fora do tempo e indicariam um cunho universal, um elo comum, entre todas as ricas particularidades da natureza. A seta do tempo é o grande princípio da história, a afirmação de que o tempo avança inexorável para frente e que de fato não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. A história confere uma unicidade absoluta *in toto*, embora princípios eternos e atemporais possam reger partes e abstrações. (GOULD, 1991, p. 65)

Isso nos permite compreender suas funções na televisão: enquanto o ciclo explicita o que a televisão tem de repetitivo, a seta é aquilo que aponta a progressão e que mostra o avanço do fluxo televisivo em direção ao futuro. O ciclo se faz necessário, como um complemento da seta, já que é pela noção cíclica que podemos entender que a seta não tem apenas uma direção histórica; na verdade, ela leva também à repetição, explicada pelo ciclo, pois a programação de TV retorna regularmente, ainda que diferente de si mesma.⁸

Seta como ethicidade televisiva

⁸ Em Bergson, a coisa, ao atualizar-se, difere de si.

O que produz o sentido identitário de seta nos panoramas televisivos é a sobreposição das molduras nas quais tal sentido é enunciado. A seta pode ser percebida, portanto, como uma ethicidade televisiva⁹. E é como ethicidade que pensaremos nela neste tópico.

Em nossa pesquisa encontramos “contagens regressivas”, como, por exemplo, quando a programação da TV Guaíba saiu do ar para ser substituída pela da Rede Record (*Frame 1*), nova concessionária do canal.



Frame 1

Na ocasião, o fluxo da Guaíba foi interrompido à meia-noite, e neste momento iniciou-se uma contagem regressiva de 12 horas, visível em *graphic* atrelado à logomarca da nova emissora e a um texto que dizia “Vem aí a TV dos gaúchos”.

A mesma figura esteve presente na transição que a emissora gaúcha TVCom visualizou no écran quando modificou sua grade de programação e desenhou sua nova proposta visual, em 2008. Um segundo relógio colocado na tela indicava a contagem regressiva para a estréia das mudanças (*Frame 2*); neste caso, a peculiaridade é justamente não ter ocorrido uma supressão do relógio marcador de tempo *reality*¹⁰ que o écran da emissora mostra normalmente.

Quando o relógio surge na tela marcando um retrocesso do tempo mensurável indicado nele, este retrocesso enuncia que algo acontecerá ao final da contagem, produzindo um efeito de tempo linear ao contrário, com fim, meio e início, que será (futuro) início de um acontecimento.

⁹ Ethicidades são construtos televisivos de coisas televisivas. Por exemplo, pessoas, fatos e acontecimentos assim designados pela TV, são de fato construções dessas pessoas, fatos e acontecimentos.

¹⁰ Chamamos de tempo *reality* o construto televisivo de tempo real.



Frame 2

No exemplo, a contagem regressiva assinala um tempo que não cessa nem retorna: ele simplesmente segue “seu curso”, como uma seta que avança vorazmente em direção a um alvo qualquer, situado no futuro presente.

A noção de seta está intimamente ligada à sucessão presente-passado-futuro, e as contagens regressivas produzem no espectador uma sensação de que a cada segundo que “passa” o futuro presente torna-se mais próximo. No momento em que o espectador está acompanhando a contagem ele encontra-se inserido naquilo que Santo Agostinho chama de presente do futuro e que Piettre assim referencia:

“Talvez se dissesse mais justamente: ‘há três tempos: o presente do passado, o presente do presente, o presente do futuro’. Pois esses três tempos existem no nosso espírito, e não os vejo absolutamente em outro lugar. O presente do passado é a memória; o presente do presente, a atenção; o presente do futuro, a espera.” [Santo Agostinho, *Confissões*, livro XI, capítulo XX.] (PIETTRE, 1997, p. 32)

Por futuro presente entendemos aquilo que a televisão chama de futuro, mas que já existe virtualmente como presente. As contagens regressivas levam o espectador a esperar pela chegada de um acontecimento que já está pré-definido ou virtualmente acontecido. A peculiaridade do acontecimento televisivo é justamente essa: é algo que nos é apresentado como o futuro que vai acontecer, mas que na verdade já é acontecido e está ordenado na grade de programação, mesmo que não esteja ainda no ar.

No caso da contagem regressiva da TVCom, o relógio marcador de tempo “decrecente” foi colocado sobre o écran da emissora, produzindo uma tensão com o relógio marcador de tempo tradicional, que não foi suprimido da tela. O sentido

produzido apontava para o fato de que algo aconteceria dentro da própria emissora: mantinha-se a moldura TVCom, e dizia-se que o acontecimento faria parte de seu fluxo. Já no caso da contagem regressiva da transição entre a TV Guaíba e a TV Record, sobrepôs-se no écran a logomarca da nova emissora e o relógio regressivo em uma tela azul, o que leva o espectador a uma outra expectativa; mas dá-se a ver claramente que o futuro anunciado ali já é presente: nós é que ainda não o sabemos. O acontecimento enunciado refere-se à chegada da nova emissora concessionária do canal; mas, já estando no ar a sua logo, é perceptível que a chegada já aconteceu. Uma vez que a emissora anterior saiu do ar e a nova estabeleceu a sua logomarca como moldura na tela, a contagem está marcando apenas a espera pelo próximo programa, e não a chegada da TV Record.

A televisão, como sempre falando principalmente de si mesma, estabelece uma lógica que só vale em seu mundo. Nele, o acontecimento não irá acontecer, pois já aconteceu, e o espectador é levado a aguardar o momento em que será tão somente *revelado*.

Mas a figura da seta atrela-se ao tempo televisivo ainda de outras formas. No écran da Record News abaixo, por exemplo (*Frame 3*), em uma barra de texto, notícias correm na tela, também emulando o movimento de uma flecha que parte justamente do relógio (digital) que marca o tempo em uma das extremidades da tela:



Frame 3

A seta na Record News, assim atrelada à forma espacial da barra de notícias que correm na tela e que “passam”, é essencial para a ordenação das informações exibidas nesta barra. Não temos certeza alguma de que os fatos enunciados no texto ocorreram na mesma seqüência em que estão sendo exibidos na tela. É o nosso condicionamento para pensar no tempo como seta que permite que a ordenação linear sugerida pela barra nos cause a impressão de que aquela é uma linha de tempo.

Outro exemplo: na TVCom, após ter sido enunciado, pela contagem regressiva antes citada, um “acontecimento”¹¹, todos os programas e chamadas da emissora apresentaram um visual “renovado”, com releituras de antigos e com a inserção de novos elementos gráficos. Um destes elementos, evidenciado na vinheta que o programa *Conversas Cruzadas* exibiu quando retornou dos comerciais, é uma inscrição de “continue assistindo”. O *graphic (Frame 4)* enuncia a determinância do tempo seta, pois dá uma noção de continuidade linear ao que se está assistindo. Mesmo quem está fazendo o *zapping* e se depara com esta tela sabe que aí existe uma progressão do tempo, e que uma parte do programa já ficou para trás.



Frame 4

Em outra tela da mesma emissora (*Frame 5*) a seta se faz presente de forma evidente. O écran apresenta-se dividido em quatro segmentos. Um deles, o maior, subdivide-se em dois e mostra de um lado a imagem de um entrevistado e à sua direita a do apresentador. Uma barra de texto verde logo abaixo é alimentada periodicamente com notícias. De forma similar ao que acontece com a Record News, não sabemos se estão ou não em ordem cronológica, mas presumimos que estejam. Mais abaixo encontra-se as logomarcas da emissora e do portal de Internet Clic RBS.

¹¹ Um construto de acontecimento, uma ethicidade, portanto.



Frame 5

Se a segunda divisão da tela, a das notícias, sugere uma predominância da seta devido à construção de cronologia implícita, é na última divisão, uma barra vertical à direita do panorama, que se produz a maior tensão entre ciclo e seta. O relógio marcador de tempo encontra-se posicionado no topo desta barra, que anuncia a previsão do tempo para o dia da transmissão e para os dois próximos. A informação sobre as condições climáticas do dia está classificada como “hoje” e a do dia seguinte como “amanhã”, o que claramente remete à sucessão temporal, ou à seta do tempo. No entanto, a terceira enunciação se encontra em “quarta-feira”, o que é uma remissão ao ciclo. Ou seja, a programação de todas as semanas possui uma estrutura fixa: algo sempre retorna.

Em outro exemplo, no canal NET TV (*Frame 6*), a seta é vista na própria construção visual do écran. O título de um programa é disposto após o de outro, e apenas olhando para a grade temos como perceber a ordenação linear do tempo televisivo. No caso da NET TV, cada programa ocupa o espaço de um retângulo, vinculado a um horário colocado acima da tabela, que tem como limite um outro retângulo que representa o programa seguinte, vinculado ao próximo horário, mostrado no topo da tabela.



Frame 6

Essa disposição de relógios moldurados na horizontal em uma reta lembra¹² a concepção de linha do tempo. Uma vez que a tevê organiza suas informações temporais linearmente, como na grade de programação exibida na NET TV, por exemplo, temos que a figura da seta é evocada¹³ pelo modo da organização dos programas e dos horários de sua exibição.

Em outro panorama do canal NET TV (*Frame 7*), o desenrolar dos programas em curso é representado por barras vazadas que são preenchidas de vermelho, da esquerda para a direita, indicando o quanto o programa avança no tempo total de sua duração. A barra se completa quando acaba o tempo de exibição previsto, que deve ser igual ao do realizado. O movimento da barra vermelha possui a forma seta.



Frame 7

Entretanto, é uma seta mais assemelhada à da ampulheta, por exemplo, com a qual medimos o tempo (sempre o mesmo) que a areia leva para escorrer do bojo superior ao inferior.

¹² Graças às imagens-lembrança existentes em nossa memória.

¹³ Mais uma vez pelas imagens-lembrança, ou memória hábito.

Considerações finais

A seta, na televisão, ao menos no sistema por assinatura, exerce a função de alinhar, num só tempo, todos os programas acontecendo e por acontecer conforme a grade de programação das emissoras partícipes da distribuição (na amostra analisada) NET TV.

Nos exemplos de contagem regressiva, que tomaram grande parte do artigo, a função sincronizadora da seta, que leva todos os tempos a desembocarem em um único *acontecimento televisivo*, isso fica muito mais evidente. No caso citado da contagem regressiva da TVCom, no entanto, sincronizou-se visivelmente a ação dos dois relógios, a do marcador de avanço e a de retrocesso.

Se a figura seta do tempo acompanha a humanidade desde muito antes da invenção da televisão, e sua anúncio nesta mídia só é percebida pelos espectadores porque a humanidade busca ordenar a realidade conforme a sua capacidade de percepção, é porque, como diz Bergson,

De um modo geral, a realidade é ordenada na exata medida em que satisfaz nosso pensamento. A ordem, portanto, é um certo acordo entre o sujeito e o objeto. É o espírito reencontrando-se nas coisas. Mas o espírito, dizíamos, pode caminhar em dois sentidos opostos. Por vezes, segue uma direção natural: é então o progresso sob forma de tensão, a criação contínua, a atividade livre. Noutras, inverte essa direção, e uma tal inversão, levada até o fim, conduziria à extensão, à determinação recíproca necessária dos elementos exteriorizados uns com relação aos outros, enfim, ao mecanismo geométrico. (BERGSON, 2005, p. 242-243)

A humanidade aceita o tempo como linearidade histórica incontestada no seu cotidiano, e é por isso que, ao assistir televisão, mesmo que de forma inconsciente, o espectador busca elementos de linearidade que estão presentes no écran para se localizar no fluxo da programação. A televisão, por sua vez, ordena sua programação em forma de seta porque é assim que o telespectador melhor entende o tempo.

A nosso ver, porém, o curioso nesse fato é que a predominância da seta em nosso imaginário é tão forte e tão retoricamente enunciada pela televisão que já não percebemos (ou não nos importamos com isso) que, de fato, em última análise, se trata de uma grande falácia. Em nenhuma outra mídia o tempo é, de fato, tão coalescente quanto na TV. Na tevê, pelas formas em que ela dispõe no mesmo panorama tempos muitas vezes historicamente contraditórios, ou anacrônicos, o tempo de fato não tem



nenhuma direção, ainda que presumido na grade de programação das emissoras como seta.

Não se trata, a nosso ver, de uma insuficiência da mídia, mas de uma insuficiência da pesquisa - ela também condicionada pela seta. Chegamos, assim, à quarta tétrade de McLuhan: o que a nova mídia inverte ou nos devolve quando já se desenvolveu ao máximo? Nesse estágio, que acreditamos a televisão ter alcançado em nossos dias, nossa tendência é responder: ela inverte totalmente nossa noção de seta. No fluxo, nos panoramas, nas grades, ela cria tensionamentos profundos nas clássicas e milenares noções humanas de tempo. Ela nos coloca diante de um pensamento imagetivamente díspar em relação a nosso próprio pensamento - embora tenha sido criada por nós.

Ou seja, quanto às nossas concepções do tempo, ela não age como “deveria”. Isso deveria suscitar em nós - os pesquisadores, ao menos -, sérias inquietações. O que a TV nos devolve é a importância de um pensamento abandonado: a importância de uma reflexão mais filosófica (e até mesmo física) sobre a natureza do tempo real.

Mais particularmente ao escopo deste artigo, porém, a questão fundamental nem chega a ser essa, mas sim o fato de que há duas setas que comparecem figuradas na telinha nos exemplos mostrados. Uma remete ao que entendemos por tempo cronológico, segundo o qual a sucessão dos eventos é irreversível, e se encontra referida na proeminência explícita nos *graphics* presentes na tela, ou então se encontra implícita nas práticas televisuais que levam à sua presunção. Outra que se encontra - neste caso sempre presumivelmente -, na referência cronométrica dos eventos televisuais: na TV, no interstício do tempo que “passa”, há sempre um tempo performático similar ao da ampulheta (e à dos cronômetros), que não transcende jamais ao do escoamento da areia de um vértice a outro. Ele é seu limiar: tudo, na TV, “dura” o “mesmo” tempo. Qualquer evento na TV “dura” o que a ampulheta televisual estabelece que ele deva durar.

É assim que, na TV, a seta é, ao mesmo tempo, uma figura do que se sucede e do que deve ser presente (ou passado, ou futuro) por *determinado* tempo. Maravilhoso seria se pudéssemos dizer, similarmente: “dor, acabe em no máximo 50 minutos”, ou “felicidade, dure ao menos os próximos 20 minutos do jogo”.

Referências bibliográficas

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do *design* e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GOULD, S. J. **Seta do tempo, ciclo do tempo**: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HORROCKS, C. **Marshall McLuhan y la realidad virtual**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

KILPP, S. **Ethnicidades televisivas**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PELBART, P. P. **O tempo não reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PIETTRE, B. **Filosofia e ciência do tempo**. Bauru: EDUSC, 1997.